

O uso da aquarela nas HQ's de Marcelo Lelis

*Eliane Meire Soares Raslan*¹

*Lucas Marques Lomasso Costa*²

Resumo

Estudo de caso que analisa o uso da aquarela nos trabalhos do quadrinista e ilustrador mineiro Marcelo Lelis. A aquarela, conhecida técnica milenar, é muito difundida no Brasil, possuindo características de uso, cores e formas bem variadas e com aplicações diversas. As ilustrações de Marcelo Lelis possuem traços muito característicos e apresentam também um tratamento em aquarela bem diferenciado. Buscando entender o processo de desenvolvimento da técnica e do estilo desenvolvido pelo artista – como ele consegue chegar aos resultados em seus trabalhos e traçar relações entre o estilo academicamente ensinado e o autodidatismo – a pesquisa então tenta ampliar o entendimento sobre a técnica da aquarela, história, uso e representatividade na ilustração de Marcelo Lelis. Ao mesmo tempo em que arrisca conhecer algumas de suas diferentes aplicações, buscando relacionar com o estilo do artista. Associa o estilo de Lelis com o estilo regional e as suas influências.

Palavras-chave: *Aquarela; Histórias em Quadrinhos Mineiras; Ilustrador; Imagem; Marcelo Lelis.*

Introdução

As Histórias em Quadrinho (HQ) tiveram seu ápice de criação no século XIX na Europa. Atualmente, é visto como um meio de comunicação de massa muito eficaz na transmissão de informação e ideias, além da importância social, levando em consideração, o que é criado nas HQ, ao ser divulgado, pode ser considerado uma forma de retratar a

¹ Autora. Professora, pesquisadora e orientadora na Universidade UEMG. Este estudo faz parte da análise de pesquisa sobre a Imagem dos Quadrinhos do Centro de Imagem da UEMG, realizado no NIQ - Núcleo de Ilustrações e Quadrinhos, onde a autora é coordenadora do projeto.

² Co-autor. Estudante do curso de Design Gráfico da UEMG. Aluno voluntário no centro de pesquisa do NIQ da UEMG.

sociedade. Na década de 1960, por exemplo, nos Estados Unidos ocorreu o surgimento do movimento de contracultura, houve também a criação do estilo *Underground* que, de acordo com Sonia (1989), se tratavam de temas relacionados com a contra cultura, críticas sociais, uso de drogas e etc.

Esse veículo de informação tem grande importância na sociedade, além da relevância dos temas tratados nas histórias, há também, uma questão artística envolvida. As ilustrações nos quadrinhos relacionam-se, também, com o estilo artístico vigente do período, difundindo assim a arte para a população. Sonia (1989) exemplifica com os anos 1920, passaram em uma época na qual os artistas utilizavam traços geométricos e isso ocorreu também na arquitetura, como produção de móveis e de cartazes. Tal período ficou conhecido como *art déco*. Com os quadrinhos não foi diferente, muitos artistas utilizavam linhas geometrizadas em suas ilustrações. As influências do movimento também estiveram presentes na vestimenta de personagens e composição dos cenários.

O estudo sobre quadrinhos tem grande relevância para atualidade, principalmente com relação à HQs na educação. Alguns estudos, como o de Thais Gralik (2007), abordam a temática do estudo artístico nas histórias em quadrinhos mostrando também que se pode explorar a questão da educação infantil utilizando os quadrinhos, uma vez que a criança inicia seu processo de alfabetização ao ler uma revista, já que os textos nas revistas são mais curtos e de fácil entendimento. Ao mesmo tempo, nos mostra que a parte artística dos quadrinhos é tão importante quanto a temática do enredo e dos personagens, já que o traço utilizado nas ilustrações, pode indicar, o que a revista trará na narrativa.

Aquarela: história e uso

Este artigo trás uma visão sobre as artes gráficas nos quadrinhos, com uma abordagem sobre as ilustrações e o foco voltado para Marcelo Lelis, ilustrador mineiro que desenvolve trabalho em HQs, utilizando predominantemente a aquarela em seus desenhos. Buscamos a partir disso, entender também sobre a técnica da aquarela, as suas aplicações e seu desenvolvimento ao longo da história até a atualidade, para que assim, tracemos uma relação do perfil do artista, os resultados que ele consegue nas ilustrações, algumas relações com linguagem gráfica e significações envolvidas que podem também estar ligadas à própria história narrada.

A atual preocupação em desenvolver esse estudo, é a tentativa de ampliar o conhecimento de artistas no cenário mineiro de ilustrações. Dentro dessa ideia, procuramos também ampliar o conhecimento histórico do desenvolvimento da técnica da aquarela, suas aplicações ao longo da história e tentar fazer uma ligação dos estudos com a criação do artista.

Nesse momento tratamos da forma como é usada a Aquarela buscando sua história como pilar. De acordo com Rocha (1985), a aquarela é uma técnica de pintura em que se misturam pigmentos de tinta colorida com aglutinante, e também, a técnica que se aplica essa tinta diluída em água. A história do surgimento dessa forma de pintura está relacionada ao início da civilização, ou de acordo com Cristina (2005), "... a aquarela, como a conhecemos, deve ter suas origens ligadas à história do papel". Logo, a aquarela é uma técnica muito antiga, suas aplicações no período em que surgiu provavelmente se diferenciam dos dias atuais, assim como os materiais usados na diluição do pigmento e composições químicas da tinta.

O uso dessa técnica, ao longo dos anos, começou seu desenvolvimento na idade média, quando foi aplicada em ilustrações de livros manuscritos feitos neste período.

Desde a baixa Idade Média até o Renascimento, este foi o procedimento mais utilizado. As ilustrações chamadas *miniaturas* ou *iluminuras*, que acompanhavam os textos dos manuscritos, eram pintadas com aquarela misturada com pigmento branco e chumbo. (ÁVILA, p.7, 2005)

As iluminuras consistiam em ilustrações e eram feitas ao lado dos textos acompanhando o que estava escrito. Eram produzidas normalmente em livros e serviam como ornamentação, em muitos casos, também tinha a função de explicar visualmente o que abordava o texto. A tinta aplicada nessas ilustrações passava por misturas de outros materiais, como foi dito, nessa época eles ainda utilizavam o chumbo – um metal pesado – na composição do pigmento, hoje em dia as tintas são fabricadas com pigmento em pó e goma-arábica.

Nota-se então que a aquarela aplicada em ilustrações teve como origem o território europeu. No Brasil, porém, a aquarela chegou no período da exploração do ouro, sendo utilizada novamente para ilustrar, mas diferentemente do que ocorreu na Europa, as ilustrações tinham como propósito apenas adornar documentos e mapas na região do ouro, não cumprindo funções relacionadas a complemento da leitura. Vários documentos

utilizados na capitania das minas foram ilustrados em aquarela e a temática usada para as ilustrações passava por elementos figurativos presentes na região, também serviram para construir uma imagem do novo mundo explorado. No entanto, a aquarela vinha sendo ao mesmo tempo utilizada para estudos, os quais eram feitos através da cópia de telas de pintores renascentistas, sendo este método utilizado para aplicação da aquarela no meio acadêmico. Segundo Cristina (2005), muitas das cópias eram feitas utilizando-se de material aquoso, com o propósito de treinar a percepção dos alunos.

Assim, ao longo do tempo foram se descobrindo várias possibilidades de aplicação da tinta. Alguns pintores notaram que as transparências causadas pelo pigmento diluído em água lhes proporcionavam maior fluidez no resultado final e ao mesmo tempo era rápido de se executar. Passam então a explorar a aquarela de modos diferentes, motivando assim a exploração de novas maneiras de utilização. A evolução do papel também foi uma variável que colaborou para o desenvolvimento dessa forma de pintar, criaram-se métodos de produção e papéis melhores. Na Inglaterra, James Whatman (Cristina, 2005) foi um dos grandes nomes que levou ao amadurecimento do uso da tinta.

No século XIX, alguns pintores impressionistas fizeram obras em aquarela, artistas como Renoir, Bodin e Cezanne utilizaram-na também como estudos e posteriormente como material para criação das telas ao ar livre. Cristina (2005) ainda afirma que a temática das obras sofre mudança nas mãos de tais pintores, que buscam representar ambientes ao ar livre, em uma tentativa de escapar da produção que era feita e exposta nas galerias da época. No mesmo período no Brasil, novos temas foram aparecendo, mas o início do século XIX havia ainda uma relação com a produção europeia e era comum a representação de paisagens. Ao passar do século os artistas passaram a explorar melhor a criação com a aquarela e buscaram temas que estavam relacionados à mitologia, retratos e cotidiano nacionalista, o que mostra o início da evolução e da abertura para temas mais diversos dentro da produção criativa do país.

Ocorrendo também no Brasil durante o mesmo século, quando alguns pintores começaram a utilizar a tinta para criação de esboços para as pinturas em tela. Para Cristina (2005) todos os gêneros da pintura migraram da Europa para o Brasil e muitas vezes eram feitos primeiro a aplicação da aquarela, como uma espécie de esboço para depois passarem a tinta a óleo. A razão para tal uso é a combinação de quantidade maior de água sobre a de pigmento, o que gera um efeito transparente, fluido, na tinta e permite ao artista adicionar à tela de forma mais rápida, assim o esboço interfere menos no resultado final.

A aquarela passou de esboço para pintura, a uso ilustrativo de imagens que complementam texto, para o uso da representação de ambientes naturais, paisagens, pessoas e situações do cotidiano, também esteve relacionada a estudos acadêmicos. Atualmente, a técnica vem sendo aplicada para várias outras situações e, voltando-se novamente ao uso ilustrativo, a aquarela se mostra uma técnica muito bem aplicável, por ser rápida de trabalhar e proporciona bons resultados. Nos quadrinhos – que será o foco da análise da técnica – ela possui também um propósito, não sendo somente questões de opções de cores, mas possuindo significações e relação com a linguagem das HQs.

Marcelo Lelis e os traços nas Histórias em Quadrinhos

Marcelo Lélis é um quadrinista mineiro, nasceu em Montes Claros, aonde também teve sua primeira experiência com ilustração. Começou ilustrando para um jornal local, utilizando nanquim colorido, para muito tempo depois começar a utilizar a aquarela. O artista mineiro não cursou nenhuma escola de arte, a técnica desenvolvida por ele veio da sua própria prática ao longo de sua vida. Ao analisar o traço de Marcelo Lelis, nota-se que ele possui um estilo de representação gráfica que se aproxima do natural, os personagens apesar de serem levemente caricaturados, ainda apresentam atributos como proporção corporal e iluminação, que o afasta da classificação de um traço fantasioso. Este estilo de representação é conhecido como estilo naturalista.

O seguinte estilo, dentro do mundo das HQs, vem evoluindo desde o início do desenvolvimento das revistas e em determinadas épocas na história, os ilustradores utilizam dessa forma de representação. Em alguns casos, tal recurso gráfico serviu para poder acompanhar o enredo, que muitas vezes, por questão de complexidade da narrativa, exigia que as ilustrações fossem mais detalhadas. Mattos (2009) considera que “era evidente que essas primeiras ilustrações precisavam ser naturalistas, pois representavam o que era citado nos artigos”.

No início do século XX, os traços das HQs tiveram como característica o estilo naturalista, com traços grossos e uso de grandes áreas em preto. O estilo utilizado nessa época está relacionado também, com a evolução da tecnologia de impressão do mesmo período, como afirma Mattos (2009): “trabalhos precisavam resistir à reprodução simples e ao grosseiro papel-jornal, vão tender para um traço mais grosso e grande áreas em negro.”

Os quadrinhos até aquela época tratavam de temas humorísticos, mas ao longo do tempo as temáticas das histórias foram mudando, passando por fantasias, histórias mitológicas e ficção científica (Sonia, p. 11, 1989).

O estilo naturalista volta a aparecer nos anos de 1930, quando os quadrinhos passam por um período de grande desenvolvimento. O traço característico da época teve como referência o Neoclassicismo, as formas e fisionomias dos personagens passaram a ser mais realistas e os cenários apresentavam acabamentos melhorados. Ao longo da década os ilustradores norte-americanos usaram referências greco-romanas nas ilustrações, com o propósito de tornar as ações mais dramáticas. Segundo Gabriel Mattos (2009) o estilo dessa época pode ser considerado também uma reação conservadora de um grupo de autores, que tinham uma formação clássica. Assim os primeiros quadrinhos não tinham balões de fala e sim legendas e texto de rodapé. É importante ressaltar também que, no período em questão, houve a valorização das aventuras fantasiosas, ficção científica, faroeste etc. Para Sônia (1989) ao final da década surgem também os heróis, como, por exemplo, o Super-Homem.

Nos anos de 1960, na Europa, o tema relacionado à ficção científica volta a ser tratado nos quadrinhos. Mattos (2009) afirma que o traço fantasia europeu – segundo a classificação de Gabriel Mattos – surge então, e tem como características uma linha bem definida. Ao mesmo tempo, percebe-se o retorno do estilo naturalista, porém, dessa vez ele é mais acadêmico e muito técnico, os cenários são bem definidos e as poucas sombras que existem são feitas com hachuras finas.

Análise dos traços com Umberto Eco

Apesar das diferenças dos movimentos artísticos e das ilustrações dos quadrinhos ao longo da história, vemos que os desenhos são representações do real, e entendemos os traços como uma linguagem a parte dentro das HQs. Forma-se assim, um conjunto com a linguagem escrita, o estilo da narrativa exige ilustrações que a represente de modo específico e ao mesmo tempo, tenha relação na forma, complexidade e cor. A linguagem visual dos quadrinhos apresenta uma característica icônica, são representações, ou esquemas, que possuem alguns elementos gráficos que buscam semelhança com o que se tem no real. Buscamos o autor Umberto Eco (1971), que contribui nessa análise, afirma que:

O signo icônico pode, portanto, possuir, entre as propriedades do objeto, as ópticas (visíveis), as ontológicas (pressupostas) e as convencionadas (modelizadas, sabidamente inexistentes, mas eficazmente denotantes, exemplo: os raios do sol em forma de vareta). Um esquema gráfico produz as propriedades relacionais de um esquema mental. (ECO, 1971, p. 107).

Nota-se então, que nos quadrinhos, os ilustradores buscam representar propriedades convencionadas e óticas, para que o leitor familiarizado com o estilo consiga perceber o que buscou ser representado. No entanto, o artista nem sempre recorre à representação gráfica baseada nas propriedades óticas, por isso, vem a utilizar algumas referências convencionadas, as quais não se baseiam em naturais ou realistas, mas sim no senso comum. Trouxemos um exemplo dado por Eco (1971), resumidamente ele diz que: ao desenhar o sol, utilizamos um círculo rodeado de riscos que representam sua coroa luminosa, sabe-se no mundo científico, porém que, a representação solar passa longe de uma circunferência rodeada de riscos. O que normalmente ocorre em uma representação gráfica é, reduzir a quantidade de informação do objeto, selecionando o que seria mais pertinente representar, criando uma imagem estilizada. Assim, a causa da estilização dos traços nos quadrinhos acontece porque as expressões estilizadas são mais fáceis de interpretar e trazem ao leitor entendimento mais rápido do que se está passando, o que não ocorreria se fossem muito ricas em detalhes, a percepção do leitor poderia ser prejudicado por complexos elementos nos detalhes de um rosto realista.

Aquarela com Marcelo Lelis

As ilustrações de Marcelo Lelis possuem semelhança com o traço europeu, o estilo que o artista imprime, somado às características próprias no uso das linhas, cores e acabamentos, tem uma relação próxima ao que os ilustradores europeus aplicavam em seus quadrinhos. Buscando o estudo de Mattos (2009), podemos comparar que seus trabalhos, no geral, possuem atributos em comum ao “estilo linha clara europeu”, por possuir, por exemplo, uma linha bem definida, estilo naturalista e em algumas ilustrações o uso da hachura, semelhante a alguns artistas europeus.

Porém, Lelis afirma que suas influências de estilo não estão ligadas a nenhum artista ou movimento artístico de época alguma, mas sim ao que ele trás através da vivência, somado a todo tipo de referência visual que são considerados por ele como

influência para seu trabalho. O que o artista mineiro executa nas ilustrações é a escolha do material para aplicação e o que ele trás de bagagem, aplicado nas HQs é o que torna seu trabalho único. O que está evidenciado é que Lelis utiliza em sua linguagem gráfica o mesmo que fazemos na linguagem verbal.

Ao construirmos uma frase, impomos na verbalização características de entonação que implicam em determinadas significações. Características tratadas por Eco (1971) e que são como uma impressão digital, atributos únicos que constroem uma identidade na linguagem. A aquarela (fig. 01) é quase como uma assinatura nos trabalhos de Lelis e vemos em seus trabalhos, a maneira como ele trabalha a pincelada, a combinação das cores e a própria paleta escolhida como características da identidade do artista.

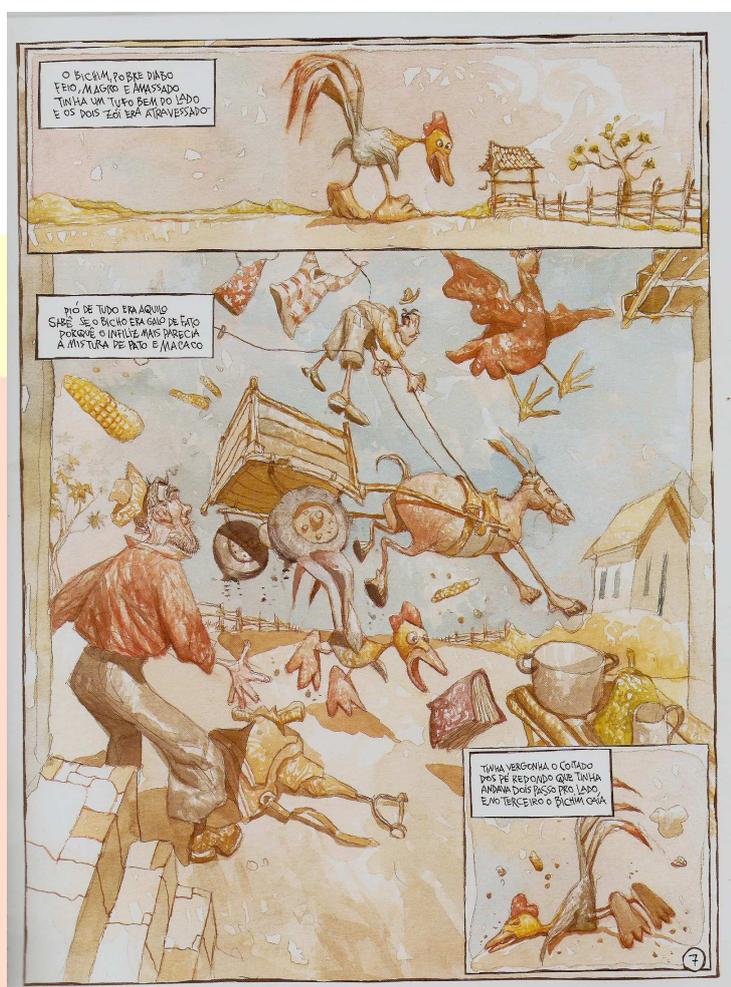


Fig. 01: LELIS, Marcelo. *Saino a Percurá*. São Paulo: Editora Zarabatana Books, p.7, 2007.

Ao analisar seus quadrinhos, é perceptível que Marcelo Lelis usa de recursos referentes à aquarela (fig.01), o que os torna diferenciados. Aplica a tinta em suas ilustrações – mais seca – se diferenciando de muitos artistas, que utilizam a tinta aguada, ou seja, fluida no papel. A aquarela aguada para Rocha (1985) é uma maneira tradicional de se utilizar tinta que é obtida compondo o pigmento com maior proporção de água, garantindo assim a transparência do material no momento de passar no papel, a pincelada também é feita de maneira contínua, conseguindo assim um movimento de fluidez. A sua composição baseada em mistura com água lhe proporciona uma característica leve, fluídica e muito sutil, dentro dos quadrinhos isso se torna relevante:

[...] igualmente muito usual na literatura infantil como na ilustração de textos ou forma de se contar uma história *non sense* ou não, com sentido pedagógico em livros escolares bastante apropriados pelos jogos das manchas, a luminosidade, a poética sensível das transparências e a opacidade que despertam a criatividade e a analogia visual. (ÁVILA, 2005, p. 22).

Outro fator que se encontra presente na aguada é a mancha, provocada pela tinta ao secar sobre o papel, em muitos casos é feita propositalmente, estimulando a imaginação do leitor. O que Lelis faz – explicação dada pelo próprio artista durante a entrevista – é utilizar a tinta onde trata a mistura de forma mais uniforme. Sendo a proporção de água e tinta equilibrada e a pincelada é feita com o pincel mais seco, trabalhando muito a combinação de vários tons de um mesmo matiz. Uma obra em aquarela funciona bem se é bem trabalhado o jogo de luz e sombra. A luz é alcançada utilizando o branco do papel não sendo adicionada com a tinta branca e sim deixada no branco do papel, isso faz com que a pintura ou ilustração ganhe vida:

As áreas brancas desempenham um papel muito positivo - elas têm força visual igual ou superior à das áreas escuras. Enquanto as escuras absorvem a luz e parecem contrair-se, as áreas claras refletem-na e criam impressão de expansão. (ROCHA, 1985, p. 34).

Percebemos no trabalho de Lelis que ele utiliza do branco do papel para conseguir os brilhos e pontos luminosos em suas ilustrações. Esses pontos de luz são importantes, pois, em conjunto com as regiões mais escuras gera contraste na composição, o que de acordo com Rocha (1985) guia nosso olhar ao longo da página. Um aspecto importante nas ilustrações do artista são as tonalidades das cores. Lelis afirma que o uso dos tons das cores

tem ligação direta com a sua origem – uma cidade do interior do estado de Minas Gerais – e isso levou ele a utilizar cores que se aproximam da cor de terra. Ao mesmo tempo, as tonalidades das cores são escolhidas pensando também na digitalização, uma vez que ao passar do papel para o meio digital, em algumas ocasiões, ocorre a perda de certas cores, ou então, uma cor com alto índice de saturação acaba por adquirir um brilho muito intenso, fazendo com que as demais colorações fiquem prejudicadas.

Sua paleta de cores passa por matizes que não são puros, mantendo sempre cores com saturação baixa. Lelis também utiliza um tom de cinza que o ajuda a amenizar o restante das cores. A forma como ele executa a pincelada é outro fator particular que faz seu trabalho ser único. As pinceladas são muito marcadas, a forma com que ele pinta deixa claro as manchas feitas pela passagem do pincel, essa propriedade da pincelada do artista ainda é somada com o jeito com que ele pinta.

Diferente dos pintores de obras artísticas, em que o pintor procura manter as passadas do pincel de forma mais homogênea na tela, Lelis utiliza as manchas em qualidades próximas a hachura, fazendo muitas manchas, de formas e direções diferentes. Lelis utiliza em sua paleta de cores, em sua maioria, matizes quentes, como: vermelho, amarelo e laranja. Para Farina (1982) tais cores estão relacionadas a sensação de dinamismo, tal sensação é reforçada pelo enquadramento que o artista faz em cada momento da ilustração, somado também ao fato da narrativa ser feita em rimas, combinando assim, o ritmo da leitura do texto com o das ilustrações.

A aquarela possui uma representatividade simbólica dentro do contexto das HQs. A aquarela de Lelis, apesar de não possuir as qualidades de fluidez que são típicas de uma ilustração aquarelada, elas ainda mantém a característica da transparência, que são percebidas principalmente nos objetos em segundo plano. Assim, podemos entender que os resultados alcançados dentro de sua obra são ilustrações voltadas a um público mais velho, pela complexidade dos traços e por ser também uma aquarela mais densa.

Considerações Finais

O campo da pesquisa em quadrinhos é muito amplo e a abordagem foi tentar verificar a visão artística do quadrinista, neste caso, Marcelo Lelis. Evidenciando os elementos gráficos como parte dos quadrinhos que trazem em si um significado. A aquarela surge como um elemento usado para o acabamento em cores em uma ilustração.

No entanto, ela também trás em sua composição física – a mistura com a água e pigmentos de cor – uma sensação que se relaciona diretamente com o leitor e provoca reações ao longo da leitura. Ao mesmo tempo, pelas qualidades de estilo contidas no traço e na pincelada, uma ilustração pode ser direcionada a determinado público. Tais elementos também carregam a identidade do ilustrador, contendo neles as características de estilo que cada um produz.

Assim, as HQs muito mais do que só trazer narrativas escritas de personagens, elas mantém uma sintonia aproximando o escritor e ilustrador com a história. Mostra duas versões narrativas de uma mesma história e que se complementam e levam o leitor a explorar a capacidade imaginativa ao folhear as páginas de uma revista.

Referências Bibliográficas

ÁVILA, Cristina. *Mário Bhering: a história da aquarela*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.

ECO, Umberto. *A estrutura austente*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das cores em comunicação* - 1ª edição, São Paulo: Edgard Blucher, 1982.

GRALIK P. , Thais. *As histórias em quadrinhos no ensino das artes visuais na perspectiva dos estudos da cultura visual*. 2007. 44. Dissertação (Pós-Graduação em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

LUYTEN B. M. , Sonia. *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: UCBC/Edições Paulinas, 1989.

ROCHA, Cássia. AMARANTE, Cristina. *Curso de desenho e pintura*. São Paulo: Editora Globo, 1985.